

A NATUREZA PROFANADA

EU vivo na Cidade, no meio urbano, pela necessidade que todo o homem tem de viver em sociedade para poder... viver. A Cidade é como um maquinismo infernal que nos prende nas suas engrenagens e nos obriga a ser **roda dentada**, peça imprescindível desse sistema sob pena de não poder viver. E' assim mesmo.

De manhã todos os que trabalham na urbe, nós levantamos e entramos imediatamente em contacto com esse odioso tirano que se chama «**Vida citadina**». Começa pelo despertador que num berreiro agressivo nos chama à dura realidade e nos aponta inexorável o caminho de longas horas de preocupações e **conseqüências**.

Depois vem a **toilette**, tarefa síncrona que nos escraviza até ao túmulo, acrescida pelas complicadas imposições da nossa **civilização**:—E' preciso **não parecer mal!**...

Saindo:—Na rua temos de nos revestir de paciência evangélica para esperar o carro que nos leva ao nosso destino, ou então, se seguirmos a pé, em passo apressado, temos a constante preocupação de não transgredir o regulamento do trânsito ou não cair nalguma ratoeira do saneamento.

Enfim, eis-nos chegados ao local do trabalho. Aí, novas preocupações nos surgem. Se somos empregado ou funcionário, olhamos logo ansiosos o semblante do patrão a ver a sua catadura, e dessa primeira impressão depende um bom ou mau dia.

Se somos comerciante, advogado ou médico—esperamos o primeiro freguês ou o primeiro cliente com a secreta impressão de que ele trará consigo a sorte do dia.

E assim por diante.

A' hora do almoço repete-se de novo o mesmo fadário da manhã:—Regresso em passo ginástico, olho atento ao motorismo incipientemente homicida, jogos malabares para evitar reprimendas policiais por andar fora de intransitáveis passeios, etc.

Depois, até à noite, no mesmo ritmo enervante, tudo isto se repete esgotando-nos física e moralmente.

Por estas razões e por muitas mais—detesto a cidade.

Detesto a cidade, onde tudo é falso e convencional, onde esta fêrazinha que se chama Homem—«**Homo sapiens**», em pretenciosa designação científica—se apresenta qual lobo com pele de cordeiro ou burro com pele de leão—com todos os seus defeitos desastrosamente escondidos e dissimuladamente exibidos.

Por isso, detesto a cidade e sempre que posso fujo dela, do seu ambiente empestado e torpe, e vou procurar no seio da Natureza — nos montes, nos campos, nas florestas—novos alicios para o espírito, novas forças para o corpo.

Az puro, Sol, tranquillidade, aprazimento, energia.

Procuro observar e interpretar o livro aberto ante meus olhos, a germinação da semente, o canto das aves, o murmurar das fontes a serenidade augusta das montanhas. E então, aí, sinto-me completamente feliz. Feliz e livre: a Natureza ensina-nos liberdade nas suas coisas mais elementares. Ora o que se passa comigo há-de forçosamente passar-se com toda a gente.

Eu **sinto** que essa impressão é genial e fisiologicamente generalizável.

O Homem, ser social, precisa de se isolar de vez em quando, ou melhor, de se agregar aos seus semelhantes mais afins, em pequenos grupos, fora do artificial ambiente das multidões e em presença da Natureza sem artifícios.

Mas o Homem—o **Homo sapiens!**...—é tão estúpido que não sabe conservar para si a Natureza intacta e sempre que pode a ofende e a conspurca.

Se não, vejamos:—Tal local é belo, aprazível na sua rústica simplicidade, na sua selvagem grandeza:

—Um dia, uma **soi-disant** «empreza de melhoramentos» transforma tudo: onde havia um bosque põe um jardim, onde havia um rochedo põe uma gruta cheia de abasileirado mau-gosto, onde havia relva por tapete põe um banco de cimento, etc., etc., etc.

Esta calamidade atinge principalmente a nossa orografia— as montanhas são as suas mais desgraçadas vítimas. Dum planalto cheio de suave beleza austera faz-se um aparolado terreiro de romantica com capela de milagres e corêto para fungágá.

Um pavor!

Daqui a pouco não há colina, monte ou serra onde se goze a natureza fiel como a Amizade e pura como a Verdade.

Mil confrarias ou irmandades se constituirão arrogando-se o direito de talhar, cortar, esfacelar e profamar o que deveria ser sagrado, para criar novas fontes de receita, que são como as mesas que Jesus derrubou à porta do templo de Jerusalém.

Que felicidade para ti, ó Natureza, estar o pico Everest a quasi 9.000 metros de altura!

L U Í S D E S A N J U S T O

GIL VICENTE *os símbolos e as contradições históricas*

(Continuação da página 3)

espiritual teimava subsistir à evidência do seu fundamento. Gil Vicente defende as camadas dominantes. Mas, pela boca das suas figuras, não perdoa as manifestações desalentadoras da sua desagregação. As suas simbolizações de Ideias são anátemas à expressão social dessas Ideias. Ele simboliza os mitos e Ideias não como eles existem na sua consciência de crente e defensor das classes dominantes, mas sim como realidades palpáveis e contraditórias da vida social.

Os seus símbolos deixam de ser símbolos da Ideia em si, para serem retratos fiéis da expressão social de concepções sociais. Os símbolos são, pois, em Gil Vicente, símbolos realistas, traduções da vida e não representações de ideias

eternas, imutáveis, resistindo ao tempo e às alterações do mundo. Isto, apesar de as concepções de Gil Vicente e a sua posição na sociedade lhe indicarem a existência eterna de tais ideias e de tais símbolos.

Gil Vicente, crente, político, homem da corte, é desmentido por Gil Vicente observador e crítico realista da vida do seu tempo. Mas esta duplicidade que encontramos em Gil Vicente não é mais, por sua vez, que o reflexo das contradições históricas da época em que viveu.

Ao poderio económico, político e cultural do país sucedera a desagregação, a queda, o coma. No horizonte acastelavam-se já as nuvens da catástrofe: a decadência, a sujeição.

A Renascença. Um salto mais do mundo. Uma luz mais na história...